



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANA ELENARA DA SILVA PINTOS

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-603

Entrevistada: Ana Elenara da Silva Pintos

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Ministério do Esporte - Brasília

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 16/10/2015

Transcrição: Fúlvio Botelho Dickel

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora, 10 minutos e 10 segundos

Páginas Digitadas: 28 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação profissional da entrevistada; Atuação na Rede estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul; Atuação na Associação de Pais e Mestres dos Excepcionais; Atuação como Secretária Municipal de Esportes de Bagé; Envolvimento com políticas públicas; Ações do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) junto à Secretaria Municipal de Esportes de Bagé; Transferência para Brasília e atuação junto ao Ministério do Esporte; Atuação como Coordenadora Geral de Esportes e Lazer do Ministério do Esporte; Programa Esporte e Lazer da Cidade; Primeiras iniciativas do Programa; Entidades parceiras; Convênio com a Universidade Federal de Minas Gerais; Programa Vida Saudável.

Brasília, 10 de outubro de 2015. Entrevista com Ana Elenara da Silva Pintos a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Ana, muito obrigada pelo seu tempo e por toda a acolhida que vocês têm dado aqui para nós no Ministério do Esporte. Está sendo *super* importante este momento e eu gostaria que você começasse falando sobre a sua formação, especialmente o envolvimento com a temática de lazer e política pública.

A.E. – Está certo! Eu que agradeço a presença de vocês, não só porque é nossa tarefa, mas é com prazer que a gente busca reconstituir esta história e, *pari passu* ao desenvolvimento dela, seguir de forma organizada, sistematizada, com a qualidade de trabalho que vocês já fazem e que tem o nosso reconhecimento. Eu sou graduada em Educação Física, habilitada para o magistério, enquanto alfabetização de crianças, jovens e adultos e, portanto tenho um vínculo com o governo de Estado. Sou servidora pública do Estado do Rio Grande do Sul cedida para o Ministério do Esporte há cinco anos, pós-graduada em Metodologia da Educação e do Esporte, especialista em Gestão Estratégica de Políticas Públicas pela UNICAMP¹ e, atualmente cursando mestrado na UnB², que passei recentemente. Inclusive meu objeto tem relação com o Programa Esporte e Lazer da Cidade.

C.M. – Sua graduação foi onde?

A.E. – A graduação foi na URCAMP³ em Bagé, município em que eu fui fazer a faculdade, porque eu sou natural de Livramento no Rio Grande do Sul. Fiz a faculdade em Bagé e foi onde, além da graduação, fiz a primeira pós-graduação e todas as minhas relações profissionais foram construídas, inclusive minha vinda para o próprio PELC⁴.

C.M. – Em que momento tu começou a ter contato com as políticas públicas?

¹ Universidade Estadual de Campinas.

² Universidade de Brasília.

³ Universidade da Região da Campanha.

⁴ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

A.E. – Eu iniciei lecionando, fazendo a faculdade de Educação Física e por estar habilitada para o magistério, também foi pensando neste sentido, quando fui morar fora, em outra cidade, lecionava pela manhã, à tarde e fazia faculdade à noite. Já no primeiro ano com crianças e jovens e, depois, no segundo ano, atuando, na área de Educação Física. Foi quando conheci a Secretária Municipal de Cultura que ficou encantada pelo trabalho que eu desenvolvia com dança, me convidou para integrar uma equipe e constituir um grupo denominado Departamento de Fusão Cultural da Secretaria Municipal de Cultura. Fui fazer esse trabalho, criei relações, desenvolvemos um belo trabalho e dentre os projetos que nós criamos na época eu escrevi um que teve uma repercussão muito grande no município, que foi o Fazendo e Acontecendo nos Bairros de Bagé, que hoje eu vejo como um mini PELC, [risos]. Mas, claro, de forma muito pontual, muito pequena, mas com uma abrangência muito significativa, populacional, de atendimento a pessoas de todas as idades. O trabalho consistia em visitar, após um primeiro contato, uma agenda com lideranças comunitárias nos bairros da cidade e pensar um final de semana de atividade esportiva recreativa de lazer. Naquele momento, eu já começava a aproximar as discussões do esporte e do lazer dentro da Secretaria Municipal de Cultura. Este foi um dos projetos que mais se destacaram dentre os projetos de dança, de música e descentralização da cultura que nós promovemos neste departamento. Portanto, nos dois primeiros anos, atuei na área de alfabetização e de Educação Física e, no final do segundo ano, fazendo a faculdade em Bagé e já trabalhando neste departamento.

C.M. – Em que ano foi?

A.S. – Eu fui para Bagé em 1999, então foi até 2001. Quando eu assumi, já estava finalizando o curso de Educação Física. O prefeito do município pediu uma agenda comigo e eu fiquei extremamente surpresa: “O prefeito que conversar comigo?” Eu estava a uma semana da minha formatura, já prestes a voltar para Livramento, a princípio, porque estava terminando os estágios remunerados, bem remunerados até para a época. Foi uma experiência muito significativa, mas, era vinculado ao fato de estar cursando a Educação Física. E aí, naquela oportunidade, ele me chama, conversamos e ele diz: “Olha, busquei referências de pessoas que poderiam escrever um projeto para a gente tentar captar um programa federal. Venho acompanhando tua trajetória e a secretária municipal de cultura me falou muito bem do teu trabalho, só reforçou o teu trabalho. Eu acho que tu és a pessoa

para escrever este projeto para captar para Bagé. Quero muito trazer este Programa para Bagé.” E aí eu fiquei super lisonjeada, provocada, inclusive. Ele me deixou à vontade para convidar outra pessoa e sem vínculo nenhum. Nós nos debruçamos e escrevemos o projeto em que iria participar da seleção dos dez pilotos do PELC nacionalmente. E nós conquistamos o PELC para Bagé. O município é pequeno, com uma população pequena, mas é uma cidade bem estruturada. Esse prefeito era um visionário que queria em todas as áreas desenvolver especialmente os direitos com a possibilidade de qualificar a vida do cidadão de Bagé. Então era uma particularidade muito forte dele. Ele me convidou, eu me debrucei, escrevemos e conquistamos o PELC de Bagé. E a primeira oportunidade foi um convite dele inclusive para vir a Brasília e para participar de um primeiro encontro que ia apresentar os relatos dos gestores, os prefeitos municipais ou os coordenadores desses programas. Foi em 2003, a primeira reunião, o primeiro contato com o Ministério do Esporte naquela oportunidade. E foi isso... Participamos dessa agenda e nesta oportunidade o prefeito me convidou para assumir a coordenação geral do Programa.

C.M. – Qual o nome do prefeito?

A.S. – Luiz Fernando Mainardi. Foi o primeiro mandato dele e, portanto, era uma conquista muito importante para desenvolver as políticas locais de esporte e lazer no município de Bagé. Na época da Secretaria de Esporte e Turismo, no âmbito do esporte tinha poucas ações, não tinha programas sociais. Havia ações vinculadas ao desenvolvimento do esporte amador, do esporte de quadra, especialmente o futsal masculino também, mas não tinham possibilidades para o esporte feminino. Em todas as discussões na época comecei a provocar: “Mas a gente precisa pensar também onde o PELC vai ficar, em que estrutura e todas as outras questões que a gente quer debater, discutir e ver avançar.” E ele foi muito aberto a tudo isto, foi uma pessoa muito especial nesse contexto de abraçar... Recepcionar o Programa e de perceber as possibilidades do Programa, de acreditar nele e literalmente me deixar trabalhar [risos]. Essa é a verdade.

C.M. – E dar força?

A.S. – E dar força. Todo apoio. Estar sempre muito presente querendo saber de cada agenda do Programa, de lançamento, de mobilização, de inscrições de cada um dos dez

núcleos naquele momento inicial e de dar visibilidade a este processo e depois ficar acompanhando e sempre que possível estar presente em nossas atividades.

C.M. – Ana, fala mais um pouquinho para a gente deste momento inicial do PELC, desse núcleo, como é que este núcleo se organizou, quais foram as primeiras atividades.

A.S. – Na época foi um desafio muito grande, primeiro porque foi uma tarefa árdua no sentido de se debruçar e entender a proposta do Programa, porque uma cidade do interior do Rio Grande do Sul que contava com uma universidade particular num contexto em que não se discutia muito o lazer e sim a recreação de uma forma muito limitada que não via e que não compreendia... Tanto que eu cheguei a participar a convite... E provoquei isto. Este espaço para o diálogo e a discussão do que significava o agente social de esporte e lazer... Então, questões e conflitos que foram surgindo ao desenvolver o Programa localmente porque eles suscitavam discussões importantes e nem todo mundo está preparado para isso, inclusive eu. Eu tive que literalmente me debruçar, procurar entender a proposta do Programa, também me corrigir sobre muitos aspectos e ampliar o meu olhar para aquilo que eu tinha como certo considerando a minha formação, que foi muito boa, mas que talvez para a proposta do Programa foi limitada, sem dúvida nenhuma era limitada, e aí foi muito importante este processo no que diz respeito a constituição do Programa. Eu consegui construir uma relação muito próxima, de o tempo inteiro estar em contato, de ter retorno e, portanto ter este acompanhamento necessário para poder pensar a implantação do PELC de acordo com o que foi idealizado, mesmo sabendo das dificuldades locais. Eram dez núcleos previstos num total de aproximadamente 100 pessoas vinculadas, então uma equipe grande. Eu era coordenadora geral, nós não tínhamos na época um coordenador pedagógico, então tudo centralizava no coordenador geral que tinha que ficar responsável por tudo, inclusive na implantação do Programa junto à Secretaria, que também não conhecia o Programa. Tinha que sensibilizar os gestores, trazer para perto e falar da importância e discutir como operacionalizar o Programa. E nós tínhamos apenas nove meses. Na época eram nove meses, não é? Então, eram nove, passou para doze, depois passou para catorze e a gente conseguiu, foi uma luta muito difícil, até porque eu trazia dessa experiência como gestora, é muito pouco tempo para compreender a proposta do Programa e desenvolvê-lo com mente política. Os gestores precisam de mais tempo, porque é um processo difícil, tem todo um comprometimento, muitas

responsabilidades, desde a seleção de recursos humanos, licitação, formação inicial, uma série de exigências até colocar o Programa realmente em funcionamento nas comunidades e fazer com que elas percebam também o que é o Programa e passam a também serem protagonistas do Programa e não só meros participantes. É um processo que obedece às etapas, à construção e ao ritmo local. Se tem experiência, se não tem... Se já é sensível à demanda da discussão do esporte e lazer por direito ou não... Então para nós na época, e lembro que para mim, foi um processo muito trabalhoso e eu tive que me debruçar muito, trabalhar muito para poder minimamente... E eu digo minimamente porque quando dos encontros nacionais do Programa que a gente teve a oportunidade de participar, embora desde o primeiro dos três fui convidada a fazer relatos de experiência, ainda assim eu sentia que a gente estava muito distante daquilo que o Programa merecia. Porque sempre fazia este olhar, nós estamos bem, a gente está cumprindo, a gente conseguiu tocar a população, eles fazem parte do Programa e para, além disso, são protagonistas mesmo como a gente gostaria, mas é só isso? O que mais a gente precisa fazer? Porque, já naquela época, eu pensava que era um primeiro convênio e será que vamos conseguir o segundo e conseguindo o segundo como pensar a continuidade de tudo isso. Aí, a gente começou na época a provocar as discussões de envolver o Conselho Municipal de Esportes, a constituição do nosso conselho gestor, já no segundo convênio, porque no primeiro a gente conseguiu fazer os primeiros esforços, mas a gente não conseguiu efetivar justamente por essa lógica do processo do tempo e da política localmente. E tudo foi tomando mais forma e as coisas foram acontecendo. Uma das dimensões, vamos dizer do Programa que sempre se destacou e que a gente sempre evidenciou, foi a identidade do Programa localmente. Aproveitando que o prefeito entendia a proposta e via no Programa uma possibilidade tremenda de qualificar a vida do cidadão, melhorar, oportunizar qualidade de vida ao cidadão. Sem dúvida alguma, isso nos ajudou muito a implantar o Programa e desenvolver uma melhor qualidade e fazer com que a população realmente se responsabilizasse por ele tanto que a cada convênio, ao longo de todo o tempo que o PELC esteve lá, foi mais de uma parceria, foi mais de um convênio, foi mais importante um repasse de um novo projeto. A cada término o prefeito bancava a continuidade, não desistia, na íntegra, dez núcleos, toda a equipe, todas as condições para o desenvolvimento dos trabalhos, porque acreditava no Programa.

C.M – E quando você passa a ser secretária?

A.S. – Então, eu coordenei durante... 2003 a 2009... E nessa oportunidade, nesse ano, eu fui entregar meu cargo para o prefeito, eu tinha passado na seleção para a coordenação de eventos... Que era uma das dimensões do Programa em que a gente mais fez se destacou como forma de provocar a discussão do direito, tanto que aqui eu entrego para vocês muitos vídeos e muitos registros, porque esses eventos realmente foram construídos a partir dos núcleos. Eu provocava, enquanto coordenadora, organizava reuniões com os coordenadores, mas a gente fazia agenda com os participantes nos núcleos para efetivar a proposta dos eventos tanto nos núcleos quanto em eventos médios e grandes na cidade e sempre envolvendo os meios de comunicação. Isso tudo fez com que o meu trabalho tivesse muita repercussão, não só no município quanto na região e eu fui convidada a participar da seleção da RBS TV⁵ para a coordenação de eventos e eu participei. Foi uma seleção, com mais de 54 candidatos do Estado participando da seleção em diferentes etapas, apresentação de projeto de marketing, seleção, entrevista, inclusive com gravação e tudo mais. Eu fui selecionada e fui convidada a assumir a coordenação de eventos da região, eram sete municípios da região de eventos da RBS TV. Eu fui entregar meu cargo para ele e ele não aceitou. Ele disse: “Não aceito!” Eu disse: “Como assim?”. Eu fui com um relatório desse tamanho [risos] “Como assim, Mainardi?” “Eu não aceito, não aceito porque eu acho que tu não podes te resumir à coordenação de eventos de uma TV”. E eu disse: “Mas como assim?”... Porque nós tínhamos muita afinidade realmente e um respeito muito grande, tanto eu com admiração do trabalho dele pela importância que ele dava ao Programa e eu percebia nele esta confiança também, tanto que todos os importantes momentos do Programa, como mudanças de secretário, ele sempre garantia a agenda da coordenação do Programa, portanto minha, com o secretário e com ele, porque ele reforçava a importância que ele dava ao Programa, portanto àquela equipe que estava lá. Eu disse: “Mas e aí”? Ele: “Olha Ana, eu tenho outros planos para ti, eu acho que tu não pode te resumir ... e outra, a Rejane⁶ quando esteve aqui ela me falou que ficou encantada com o teu trabalho, com tudo que tu conseguiu desenvolver em tão pouco tempo e destacou: ‘tu tem na ANA uma referência, então, valoriza’”. Então, o fato do Ministério investir em um programa que pensava sobre vários aspectos para o desenvolvimento de política local garantindo recursos humanos, que é um dos grandes gargalos da política de

⁵ Rede Brasil Sul de Comunicação, afiliada da Rede Globo.

⁶ Rejane Penna Rodrigues.

esporte e lazer, garantir a contratação destas pessoas, garantir recursos para a compra de material, também é outra realidade a precarização desses... Quando existe um departamento, a coordenação do departamento ou até... Porque já melhorou muito, hoje já tem um número maior de Secretarias Municipais de Esporte e Lazer, e também tem relação com a construção desta história do Esporte no Brasil desde 2003 com a realização das conferências, das resoluções, com as provocações que vem sendo feitas, mas quando tem uma secretaria... E até mesmo o conselho municipal do esporte, uma gestão preocupada com o desenvolvimento do esporte. E nós tínhamos a Secretaria de Esporte e Turismo, portanto uma coordenação do PELC foi criada e dentro deste desenho do PELC, a gente tinha toda essa estrutura e precisava minimamente de uma estrutura da secretaria enquanto logística e em condição de dar o desdobramento para tudo que está previsto no projeto do Programa, do plano técnico e pedagógico. O desafio era construir essa relação, tendo total domínio, vamos dizer assim, do que era o projeto, desde o planejamento dele, de todas as necessidades estruturais, essa relação no sentido de sensibilizar o gestor da pasta que durante este tempo foram vários secretários que foram mudando, a relação da descontinuidade, mas que todos eles que chegavam quando apresentados ao Programa nesta tarefa que eu tinha, se sensibilizavam, se tocavam, e o mais bacana, já eram conhecedores do Programa pelo o que acompanhavam pelas mídias, na época muito pela TV e pelo rádio, e dos eventos... Pelos eventos especialmente, para as atividades sistemáticas sim, mas mais para os eventos e para a propagação deles na cidade. Porque eram eventos, quando os de grande porte envolviam dez, doze mil pessoas. As imagens vocês vão ver, movimentava a cidade, e a gente tinha essa preocupação de dar visibilidade. O Ministério disponibilizou, disponibilizava e disponibiliza até hoje, os uniformes, mas o prefeito entendia, quando apresentei para ele fazer Bagé, no Rio Grande do Sul, frio, quais as condições de participação das atividades das pessoas de todas as idades, o horário dos núcleos precisava ser ajustado minimamente e a gente tinha que garantir os três turnos, mas de que forma e sob que condição? Então decidimos: “Vamos investir em uniforme”. Quatro mil uniformes, abrigos com o logo bem grande e foi lindo ver pelas ruas da cidade de manhã cedo as pessoas caminhando com o abrigo indo para o núcleo, então total relação de identidade, não só porque tinha ganhado, mas porque tinha orgulho de colocar aquele uniforme e se ver identificado. E o trabalho também. E aí nessa relação de implantar, de desenvolver dentro da secretaria, de receber um destaque muito grande porque aí era a Secretaria de Esporte e Turismo, as discussões no âmbito já das preparações das

conferências municipais, da construção e da defesa da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer que foi sustada a partir do desenvolvimento do PELC, de conquistarmos esta mudança, e sem dúvida alguma a estrutura que a secretaria acabou tomando, até como forma de atender às necessidades de desenvolvimento do PELC foram ampliadas, então mais recursos humanos para a secretaria o prefeito teve que designar mais estrutura física em termos de carro, de equipe... Por exemplo, no início do PELC era garantido o lanche, nós tivemos por várias vezes que rever a proposta organizacional. Um espaço apropriado dentro da Secretaria de Esporte e Lazer foi criado, foi construído, e uma logística própria de carros e de materiais para poder levar todos os dias de manhã o lanche para os núcleos. Eram coisas que não existiam e que a partir do PELC foram suscitadas e foram construídas. Então o Programa tomou uma dimensão muito grande na cidade dentro da lógica estrutural do município, da dimensão da prefeitura, da secretaria que era vinculada ao município, depois Esporte e Turismo. Na oportunidade que chegou o PELC, conseguimos definir na Secretaria Municipal de Esporte e Lazer porque começaram outros desafios ao longo deste tempo também provocados pelos encontros nacionais do Programa, pelos momentos formativos em que a gente recebia os formadores e que havia uma preocupação da gestão em avaliar em que momento o Programa estava e o que precisava caminhar para poder cada vez mais traduzir as diretrizes na prática, um desafio muito grande, que era materializar as diretrizes então falava intergeracionalidade, mas a gente garantindo o desenvolvimento das oficinas mesmo não provocando essa relação de definir faixa etária é o suficiente? Não, não é suficiente para garantir intergeracionalidade. Como fazer isso? Intersetorialidade outro tema que foi muito forte. Hoje a gente já consegue fazer muito bem isto com os meios de comunicação, mas com as secretarias municipais? Ok, quando a gente organiza o evento, a gente faz o contato com a Secretaria de Cultura, com a Secretaria Municipal de Mobilidade Humana e todas as condições eu tenho que buscar junto à administração, então eu ia com o projeto embaixo do braço, precisa disto, disto e disto, foi previsto e não foi liberado. Sabe? A gente consegue, mas esta relação pode ser traduzida enquanto intersetorial ou ela é pontual para garantir o desenvolvimento de uma determinada atividade? Intersetorialidade é muito mais que isso, é fazer com que os representantes das secretarias façam parte dos momentos de planejamento, acompanhamento, monitoramento, avaliação do Programa que estava desenvolvendo. De um convênio para o outro nós fomos amadurecendo e a equipe também, minha equipe também, eu contava com dez coordenadores... [risos]. É interessante dizer uma questão

aqui... Que nem sei se cabe... Vou falar... Não sei se cabe depois a gente bater, mas acho que é interessante falar até para poder traduzir um pouco disso que eu estou falando... Dessa relação, inclusive com o prefeito já na vinda para Brasília, no ano do lançamento do Programa dos Dez Pilotos, que os prefeitos, os representantes das universidades ou das entidades privadas, selecionados dos dez pilotos iam ter a oportunidade de falar sobre o Programa. Naquela oportunidade, quando o prefeito me convidou para coordenar, foi aqui em Brasília que ele convidou, eu já provoquei ousadamente a pensar sobre quem seriam os coordenadores de núcleo, porque minha preocupação era quem deveria dividir esta tarefa comigo com compromisso, com responsabilidade, com um olhar mais ideológico mesmo, olha só o que a gente está abraçando e a responsabilidade que a gente tem de fazer isso acontecer, que eu cheguei a provocar e disse: “Olha, quem sabe tu escolhe cinco coordenadores e eu escolho cinco, o teu olhar vai ser um pouco mais político, o meu vai ser técnico-pedagógico, se os teus não derem certo eu sugiro a troca.” Foi assim. Ele: “Mas o que é isso Ana?” Mas, foi assim que aconteceu, sabe? E a relação era assim, quando um coordenador não correspondia, no sentido não só do conteúdo, do aprofundamento, porque isso era a minha tarefa ajudar e eu tinha que estudar, eu tinha que procurar, eu tinha que pedir ajuda ao Ministério, eu tinha que dar um jeito de decidir: “Tal dimensão do Programa lá no núcleo não está acontecendo, como a gente vai tratar isso?” Então a gente garantia também os nossos. A gente cumpriu muito com as diretrizes do Programa, certamente por isso o Programa de Bagé teve o seu reconhecimento e se tornou referência. Então garantir os momentos em serviço, fazer aquele esforço para que estas reuniões não fossem burocráticas e sim tivesse aquele momento de estudo a partir daquela realidade, daquele núcleo, dos principais limites, apontando possibilidades tanto no núcleo depois como as reuniões gerais tanto que a gente para além dos modos de formação com os nossos formadores previstos para o Ministério nós garantimos estes momentos e também chegamos a realizar mais de uma edição de formação envolvendo outras secretarias municipais tentando aproveitar inclusive o quadro dos professores de Educação Física da rede municipal na construção do Programa. A gente enfrentava debates difíceis tipo, lazer? Como assim? É um programa de esporte. E também de muitos gestores, graças a Deus não do prefeito, porque ele estava tão mergulhado que ele já conseguia compreender outras coisas de que “Ah! vai tirar das drogas!” Aquele discurso simplista do esporte e da sua importância, enfim. Então foram muitos embates inclusive ideológicos travados em que a gente ia tentando desconstruir e reconstruir ou ressignificar, conceitos e

metodologias, e sem dúvida nenhuma, o acompanhamento do Ministério foi fundamental. Eu acredito que um dos fatos de procurar construir relações dentro da prefeitura e junto ao Ministério sem dúvida alguma foi... Eu não saberia fazer diferente acho que tem a ver com o meu perfil... Mas sem dúvida alguma foi um diferencial para fazer o Programa se tornar o que ele foi e a minha carreira conseqüentemente se tornar o que se tornou. Porque não tinha a preocupação de dizer: “Eu não sei.” Eu só tinha a preocupação de dizer: “Eu preciso vencer este limite aqui como eu faço?” E sempre achando que sabia menos do que deveria saber por ter nas mãos a responsabilidade de um programa tão revolucionário como entendo que é o PELC. Sempre acreditei muito no PELC.

C.M. – Ana, ainda do momento em Bagé, o Ministério te demandava coisas e fazia sugestões, por exemplo, a criação da secretaria específica, teve algum incentivo ou uma diretriz que sugerisse?

A.S. – Não diretamente, mas, por exemplo, nas formações, no momento em que a gente contava com a presença do formador e sempre que possível, é importante destacar, também é fruto desta relação que a gente foi construindo, eu sempre pedi a presença de autoridades do Ministério. Estiveram em Bagé o Marcelo Russo⁷, a Andréa⁸, a Rejane. No primeiro lançamento do nosso núcleo o Lino⁹ esteve lá. A única que não esteve lá foi a Cláudia Bonalume¹⁰ que eu lamentei muito, o Mário Amaral¹¹, porque eram os contatos que eu tinha. O Russo era o principal contato meu nesse período porque ele era o responsável por acompanhar, monitorar o nosso programa. Então eu mandava e-mails para eles: “Olha só, eu não sei como fazer isto”. E ele me dizia: “Aninha”... E às vezes ele me chamava atenção: “Ana, tal coisa...”. Porque a gente apresentava relatórios de execução e estes relatórios eram avaliados e nós recebíamos o *feedback* e ele dizia: “Olha tal ponto”... Ele era bem forte comigo: “Tal ponto não está legal, vocês precisam superar isto”. Só que depois com o tempo fui amadurecendo e percebia que a provocação dele não era para me recriminar e nem desfazer, era para dizer: “Está legal, mas vocês podem fazer melhor

⁷ Marcelo Pereira de Almeida Ferreira.

⁸ Andréa Ewerton Nascimento.

⁹ Lino Castelleni Filho.

¹⁰ Cláudia Regina Bonalume.

¹¹ Mário Dutra Amaral.

Ana”. Como a ida da Rejane, a Léo¹² e o Gilmar¹³ fizeram a formação e eles fizeram uma avaliação muito dura, e eu lembro que aquilo me bateu porque eles chegaram a dizer: “Ana tu centraliza demais”. E aquilo me chocou: “Como assim, gente, eu tento descentralizar, mas se eu não fizer isso, eles não entendem, não acontece.” [risos]. Era o sentimento que eu tinha, sabe? Porque era realmente isto que eu vivia. Eu lembro que eu chorei tanto e disse: “Gente, como é que eu faço agora para fazer isto acontecer porque não é simples, os coordenadores, embora alguns formados em Educação Física, talvez por não se debruçarem tanto e se dedicarem tanto como eu tinha a tarefa de fazer, embora eu provocasse, eles não conseguiam acompanhar muitas vezes, eu tinha um ou outro que se destacava, é natural no grupo. Então, ao longo do desenvolvimento do programa, o que eu percebo hoje com mais clareza, que assim como nós estávamos formulando o PELC localmente, porque ele tinha um desenho, mas ele precisava ser implantado, desenvolvido conforme a necessidade local. Assim como nós tínhamos este desafio o Ministério também tinha de ir qualificando a formulação inicial. Especialmente o acompanhamento, o monitoramento e avaliação das ações. Nos primeiros havia uma conversa entre gestores, tivemos a felicidade, até porque sempre fiz questão de convidar, de ter, não sei se já falei, mas de ter a presença dos secretários nacionais, tanto o Lino que lançou o nosso primeiro núcleo em Bagé, quanto Rejane, que esteve conosco acompanhando o modo de formação, quanto os coordenadores, no caso, que passaram, a diretora Andrea, na época, e o Marcelo Russo enquanto coordenador que era o que mais contatava comigo porque era o responsável por acompanhar o nosso PELC de Bagé, com quem eu dividia muitos anseios, muitas preocupações e ele que acompanhava o nosso relatório de execução que deveria ser encaminhado de tempo em tempo, e ele fazia um comparativo entre o que era planejado, o que era executado e retomavam dando retorno desta avaliação, e isto era muito rico, porque com base nisso, se pensava nas reformulações que precisavam ser feitas para poder garantir maior qualidade do desenvolvimento do Programa. E, durante os momentos formativos depois de um tempo, e percebo hoje que eles passaram a verificar a necessidade de garantir um momento de conversa com os gestores. Houve até uma oportunidade em que houve uma avaliação numa reunião que tinha sido feita durante a observação do desenvolvimento do módulo por determinada presença que estava lá, atribuindo inclusive nota, e que era interessante, porque nos dava uma direção, olha vocês estão aqui, mas é preciso ir mais

¹² Maria Leonor Brenner Ceia Ramos.

¹³ Gilmar Tondin.

longe. Eu acho que é preciso ajustar, nós entendemos que é preciso ajustar a partir do olhar dos formadores e do representante do Ministério. Então de todos os módulos que a gente teve, especialmente os introdutórios, das novas parcerias, que cada convênio era um novo convênio, um novo projeto, mas sempre numa lógica de continuidade, de aperfeiçoamento, era assim que eu planejava e tinha também o acompanhamento do Ministério. Esse processo ia se enriquecendo e eu ia me substanciando. Lembro que comecei a ler, olha que interessante, a ler mais sobre o esporte, sobre o lazer, e lembro que busquei o contato da Crhianne¹⁴ da UFMG¹⁵ querendo fazer especialização em lazer, e hoje olha só que bacana, eu trabalho junto com ela, mesmo eu estando na instância do Ministério, e ela na UFMG, a gente dando continuidade ao processo de formação do Programa. Muito bacana. E ela me respondeu na época com uma delicadeza fruto do perfil da Crhis. Assim como, era uma glória poder participar de um encontro nacional e ver numa mesa Marcellino¹⁶, Mascarenhas¹⁷ e Victor Melo¹⁸. Então eram oportunidades que eu como coordenadora tinha, e que bom que o Ministério pensava desta forma, de propiciar estes momentos para além da formação, lá presencial com toda a equipe que era fundamental, porque não capacitava só a mim, mas a equipe também, mas enquanto representação poder vir a estes encontros, participar, regionais, nacionais e poder voltar e multiplicar estas experiências, estes conhecimentos. E eu tinha muito essa preocupação, não queria que ficasse em mim, e sempre tive uma dificuldade de tentar construir sucessores. Porque a sensação que eu tinha é que um dia esta experiência iria acabar. Tinha um tempo, um início, um meio e iria ter um fim. Como eu ia lidar com isto? Eu Ana, pessoa Ana, profissional, Ana comprometida com o projeto político, que não era vinculado a partido, mas tinha uma relação ideológica totalmente inteirada com a postura e com a atuação do prefeito, que encontrava total consonância e que inclusive suscitou em mim o olhar e uma preocupação também política. Então não era só a Ana que tinha que cumprir com uma determinada demanda que estava sob sua responsabilidade, mas a Ana profissional que também queria se tornar pesquisadora e que também queria ter um posicionamento político. O Programa suscitou tudo isto em mim em meio à implantação e desenvolvimento dele em Bagé. Quando o prefeito me convidou para assumir, que acho que foi uma das partes também que a gente

¹⁴ Christianne Luce Gomes.

¹⁵ Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁶ Nelson Carvalho Marcellino.

¹⁷ Fernando Mascarenhas.

¹⁸ Victor Andrade de Melo.

falou, quando eu fui entregar o cargo para ele que ele me disse que não, eu fiquei extremamente assustada, porque eu não visualizava nada além, eu queria fazer o meu trabalho bem feito e queria que a minha equipe acompanhasse e que eu aprendesse com eles e a gente construísse um programa legal e mudasse a vida das pessoas. Então poder ver os idosos chegando, inclusive nós tínhamos um núcleo no próprio Militão – Ginário Presidente Médice¹⁹, que é a sede da Secretaria até hoje, os participantes chegando, se mobilizando, se reunindo, discutindo, participando do conselho gestor e opinando, sabe? Dizendo: “olha isto aqui não está legal no Programa, como é que a gente vai mudar isto? Conversamos com o nosso grupo e a opinião é esta”. Aquilo era o ápice do ápice porque não era a Ana coordenadora que estava falando eram os participantes que para além de participarem das atividades estavam se colocando, que é uma das propostas desafiadoras do PELC. Eu recorro que nessa oportunidade que eu disse para ele: “Mas e aí?” Ele disse: “Eu vejo outras possibilidades para ti. A Rejane quando esteve aqui falou muito bem do teu trabalho, destacou o teu trabalho e eu penso que a gente tem que buscar uma oportunidade para ti no Ministério do Esporte.” Eu: “como assim? Como assim Mainardi? Eu não sou partidária, não sou vinculada partidariamente, não venho construindo... Portanto neste campo da política... Eu tenho trabalhado e meu trabalho tem surtido efeito.” E ele: “ Como fica isto para ti?” Eu perguntei: “porque no momento que tu troca um secretário municipal e coloca alguém de tua confiança, porque isto eu tenho clareza que eu sou, e fico muito lisonjeada, de confiança para assumir uma pasta, mas que é uma pasta política. Não vai te trazer problema?” Ele disse: “Ana, isto é um problema meu, o que ninguém pode questionar é o teu trabalho e o que o Programa se tornou em Bagé. E eu quero que tu assumas a Secretaria, já era para ti ter assumido há muito tempo, porque todos os secretários que passaram tiveram no PELC a retratação do teu trabalho de certa forma porque o resultado era demonstrado pelas ações do PELC, mas com uma equipe, uma coordenadora, então é mais do que justo que tu assumas a secretaria porque esta experiência vai te dar condições de ter voos mais altos. Então confia em mim.” Eu disse: “Mas, como é que eu faço agora? Eu vou ter que voltar lá avisar que eu participei de uma seleção com mais de cinquenta inscritos de diferentes etapas e dizer que eu não quero? Eu não sei se tenho condições de fazer isso” Foi assim, eu fiquei tão angustiada como é que eu vou fazer isto? Porque eles estavam confiando em mim. Ele disse: “Ana tenho certeza que se tu chegar lá e falar realmente o que aconteceu e eles vão entender.” E ele ainda brincou:

¹⁹ Ginásio de Esportes Presidente Médici (Militão).

“conversa com o alemão, com o teu marido, tenho certeza que ele vai entender, vai te dar apoio, se ele quer o teu bem e sabe disto tudo que eu estou falando da tua capacidade ele vai te apoiar.” Eu saí desesperada. Conversei com meu marido na época, e ele ficou encantado começou a construir a oportunidade de eu vir para Brasília politicamente, no sentido da vaga, e eu seguir trabalhando. Assumi a secretaria e aí trabalhei muito mais, já trabalhava horrores com o PELC, com a Secretaria ainda mais, porque Bagé tinha conquistado também o PST²⁰ e uma das coisas que eu tentei fazer foi aproximar os dois programas e também criar uma rede, a gente conseguiu iniciar este trabalho... Depois eu vim para Brasília... Mas iniciar este trabalho que era de ter na Secretaria Executiva do prefeito uma equipe de captação de projetos e também uma equipe... Ou seja, captação de projetos de diferentes Ministérios... E uma equipe responsável pela articulação entre secretarias, programas e projetos, que é algo que a gente sentia muita falta e que eu sempre dizia: “Olha, é necessário, a gente não conversa, as ações não se relacionam, às vezes a gente está fazendo mais podendo fazer menos, mas fazer de forma mais qualificada, fazer de forma mais conjunta. Então, por exemplo, PELC no que diz respeito à Secretaria eu posso responder e eu vou provocar esta discussão com os coordenadores e a gente vai tentar verificar onde está o PELC, onde está o vida saudável, se cabe manter ou não manter e como desenvolver algumas atividades em conjunto. E foi uma das marcas com certeza, pelo menos eu vejo assim, de suscitar as outras, de discutir, de provocar e tentar garantir o desenvolvimento das outras áreas, o esporte amador, do esporte profissional, de outros projetos que a gente criou em tão pouco tempo descobrindo novos talentos esportivos. Enfim, de outras dimensões da Secretaria que já estavam mais estruturadas pelos secretários anteriores que passaram com departamentos específicos dentro da secretaria e que a gente precisava dar uma movimentada, uma agitada, uma diferenciada, e principalmente tornar mais alinhado com a política nacional que era algo que eu tinha mais contato e que eu tinha então portanto, ainda o desafio de tentar promover. O desenho da Secretaria é este mas qual é a relação se a gente fizer com a esfera maior, com a referência nossa enquanto política nacional que é o Ministério do Esporte? As dimensões estão aqui contempladas? Como elas estão? Quais são as estruturas que a gente conta? Como elas funcionam? Então quer dizer fruto de todo o processo vivido com o PELC, das participações nas conferências nacionais e tudo o mais.

²⁰ Programa Segundo Tempo.

C.M.- Em qual época ficou na Secretaria?

A.S. – Eu fiquei um ano só. Foi no último ano do prefeito Mainardi, em 2009.

C.M.- E como você chegou ao Ministério?

A.S. – Então, terminou o mandato dele, em 2009, em janeiro. Inscrevi o nosso relato e ele foi selecionado para o Prêmio Brasil de Esporte, Lazer e Inclusão Social. Desculpe, um parênteses... Durante a qualificação do PELC nacionalmente diversas foram as oportunidades em que Leila Mirtes²¹, Claudia Bonalume e Rejane Penna Rodrigues me chamaram para relatar a nossa experiência de Bagé em diferentes eventos como Enarel²², Lazer em Debate²³, seminários de gestores de esporte e lazer. Isso também me provocou muito a olhar de forma maior o esporte no Brasil, o esporte e o lazer e a dimensão do Programa no Brasil, e foram exercícios muito significativos, muito importantes, inclusive nas próprias discussões de qualificação das diretrizes do PELC e também do monitoramento e avaliação que inclusive resultou na publicação da PUC Minas²⁴. E aí, nessa oportunidade, eu já estava inclusive mais preparada para poder escrever e participar do Prêmio Brasil²⁵ e fiz isso. Conquistamos o terceiro lugar no relato de experiências e eu vim para Brasília, portanto terminou o mandato, o meu vínculo com a prefeitura, então não era mais secretaria municipal. Segui lecionando, eu sou funcionária pública do Estado e ainda continuavam aquelas conversas entre o prefeito e o Ministério da Justiça porque na época tinha o PELC PRONASCI²⁶ e a vaga que o prefeito Mainardi vislumbrava era via PELC PRONASCI então ele queria ajudar a Rejane que quando contatada por ele ficou feliz, disse: “Quero muito a Aninha aqui sim, já tinha falado que ela mereceria novos horizontes, novas oportunidades e que com certeza poderia acrescentar muito”. Então foi super bem aceita a provocação dele por Rejane e os dois, começaram a pensar possibilidades, mas ele que ficou buscando, porque a Rejane não tinha cargos. A Secretaria Nacional do Desenvolvimento²⁷ era muito enxuta, mas ela queria e também ficou

²¹ Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto.

²² Encontro Nacional de Recreação e Lazer.

²³ Seminário Lazer em Debate.

²⁴ Pontifícia Universidade Católica - Minas Gerais.

²⁵ Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social.

²⁶ Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

²⁷ Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer.

conversando com ele como fazer. Mas o fato é que terminou o mandato eu vim para o Prêmio Brasil, inclusive eu fui a relatora em nome dos premiados na cerimônia oficial que contou com o presidente Lula²⁸. Foi uma experiência lindíssima, tem as fotos de tudo isto, com na época a hoje presidente Dilma²⁹ era chefe da Casa Civil, contou com Ministro Orlando Silva³⁰ e outros ministros que estavam presentes também. Eu fiz a fala e durante a comemoração que teve um jantar e a Rejane me chamou para um canto e me disse assim com muita preocupação: “Aninha, eu estou muito preocupada porque a tua vaga não se efetiva, a gente precisa conversar com o Mainardi porque de minha parte eu reitero, super de acordo, mas eu tenho receios porque estas questões são políticas e aí...” Eu voltei a conversar com ele durante muito tempo, todo aquele ano ele ficou lutando para tentar garantir... E quando eu digo lutando é ele estar em Brasília tendo agenda com gestores no Ministério da Justiça e colocar no viva voz para a gente conversar com esse grupo. E eles dizendo: “Semana que vem a gente está entrando em contato contigo para providenciar a tua documentação, para ver quando tu vens porque a vaga é X.” Só que isto não acontecia eles não entravam em contato comigo, não acontecia. E o Mainardi já em Porto Alegre, não mais em Bagé construindo a campanha dele de deputado estadual. Até que chegou um determinado momento eu marquei uma agenda com o Mainardi, ele foi a Bagé e eu cheguei para ele e disse assim: “Mainardi, eu estou sofrendo muito com isto, chega, a vaga não deu, não foi porque tu não quis, não foi porque Rejane não quisesse, mas existem limites aí e eu não consigo mais conviver com isso, nessa expectativa se vai dar ou não vai dar e eu preciso seguir a minha vida. O PELC foi uma experiência maravilhosa, riquíssima, mas que acabou na minha vida, talvez eu venha a fazer outras contribuições, mas eu não posso ficar esperando por isto, porque isto vai te angustiando, vai te deprimindo até, eu tive uma vivencia muito intensa de manhã, tarde, noite e final de semana. E aí do nada eu fico com as minhas vinte horas no Estado que era o certo enquanto condição profissional. Eu quero te tranquilizar, entendeu?” “Não Aninha, mas realmente está muito difícil, eles não estão correspondendo, sempre tem uma dificuldade, mas assim, a gente não pode desistir, mas é isto que tu quer?” Eu disse: “Sim”. Aí eu assumi, acabou, isto foi no meio do ano seguinte e Rejane e Leila ainda me chamavam para falar, até um dia eu disse para a Rejane: “Rejane, tu me desculpa,mas toda a vez que eu retomo isto me causa coisas de sentimento que não são legais assim, porque eu tenho que encarar. Hoje Bagé tem novos

²⁸ Luiz Inácio Lula da Silva.

²⁹ Dilma Vana Rousseff.

gestores, então o certo é chamar eles, eu sei que vocês me chamam e chamam eles também, inclusive uma das mesas que eu participei neste ano, já mais no final deste ano, já não tendo mais vínculo nenhum com a secretaria e nem com o Programa, foi um encontro regional do PELC, foi em Canoas e estes gestores municipais estavam na minha frente e eu na mesa, e eu não queria criar constrangimento para eles.” Ao mesmo tempo, eu tinha uma história com o Programa que elas valorizavam e eu ficava lisonjeada. Então era assim, eram conflitos. Eu: “Deu! Chega!” Conversei com Rejane e com a Claudia: “Eu fico muito feliz, mas eu preciso.” Me chamaram para participar da pesquisa também durante este ano, da constituição do questionário que ia ser aplicado para pesquisa sobre monitoramento e avaliação do PELC e do PST, e foi isto. No ano seguinte, em janeiro, eu estava na praia, com uma turma de amigos, com meu marido e me liga a Rejane Penna: “Aninha, como é que está?” Eu disse: “Rejane que honra, como é que tu está?” “ Eu estou bem. Tu está de férias, estou sabendo, mas eu estou aqui em Brasília ralando num calor tremendo”. Eu fiquei extremamente surpresa e ela: “Sabe por que eu estou te ligando?” E ainda brincou: “Sabe aquela vaga que o Mainardi não conseguiu para te trazer para perto de mim? Eu consegui, vem trabalhar comigo.” Eu não acreditava, eu disse: “Como assim?” Eu até me emociono... [risos] Tentei me desvincular do PELC, mas eu tinha uma certeza que aquilo não tinha acabado. Impressionante, assim, eu já nem conversava mais com meu marido sobre isto, tentava não falar com ninguém, mas com a minha mãe às vezes eu conversava, que mora em Livramento, diz ela: “Mas Mana, e o PELC?” Eu dizia: “Mãe, mas tu sabe que é tão engraçado, eu tenho uma sensação de que isto não acabou, embora eu já tendo pedido para o Mainardi para não falar mais sobre isto, com a Rejane e com a Claudia para não me chamarem mais porque penso que eu preciso me desvincular, quando eu estiver mais forte eu até acho que eu posso ajudar mas eu preciso superar isto, não deu, não deu, pronto, tema resolvido.” E a mãe dizia: “Eu também tenho esta sensação.” E aí começou uma nova fase, uma fase de pensar a vinda para Brasília, lembrando que neste ano eu recebi o convite para assumir a secretaria executiva da APAE³¹ de Bagé que passava por um momento muito grave. Ela tinha sido roubada pelo seu antigo gestor, e o processo estava na justiça, e um coordenador de núcleo meu, que se tornou um grande amigo, era vinculado ao Exército, era um dos vínculos que o Mainardi tentou construir, era comandante, e foi meu coordenador de núcleo, uma pessoa simplíssima, linda, que com

³⁰ Orlando Silva de Jesus Júnior.

³¹ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

muitos ideais junto comigo assim no Programa, sabe? E quando aconteceu de eu não assumir nada em Brasília, ele era colaborador, diretor colaborador da APAE, ele não recebia nada por isso, era integrante da equipe que discutia os rumos da APAE. E na reunião deles eles viram em mim uma possibilidade de tentar retomar porque a APAE estava fechando as portas, não tinha dinheiro, não tinha condição de continuar, então precisava ter alguém à frente que buscasse realizar campanhas, construir outras possibilidades de investimento para a continuidade dos serviços da APAE. Ele me convidou e fiquei muito em dúvida: “Eu nunca transitei muito nesta área da questão da deficiência.” E eu fui, e foi enriquecedor porque eu acho que era uma experiência de gestão que eu tinha que ter e eu amadureci enormemente. Tenho clareza que se eu tivesse vindo no tempo que inicialmente estava previsto para eu vir para Brasília eu não estaria tão preparada emocionalmente, dando valor ao que tinha valor, sabendo fazer estas relações mais entre limites e saber lidar com estes limites e claro até fruto desta negativa, o fato de não poder, isto é uma tarefa difícil de tu lidar, tem que ter muita humildade, lida, mexe muito contigo e a experiência da APAE sem dúvida alguma veio para me enriquecer. Depois desse um ano veio o convite da Rejane, fui conversar com esta diretoria e disse: “olha, eu recebi este convite”. Todos ficaram maravilhados e me disseram: “Mas tu vai nos deixar depois de ter conseguido reabrir as portas da APAE, da gente ter conseguido desenvolver campanhas significativas, ter conseguido manter os serviços das crianças e jovens da APAE? Mas, Ana achamos que tu cumpriu tua missão aqui também, tu tem que seguir teus voos.” Foi muito bonito, muito bonito esta trajetória. E aí eu vim em 2010, e foi engraçado, foi primeiro de Abril de 2010, dia dos bobos.

C.M. – Em 2009?

A.S. – Não, em 2010, a reestruturação foi em 2011. Eu vim e fiquei. Super feliz, fui super bem recebida, na época o coordenador geral do PELC era o Luiz Roberto³², mais chamado como Luica. Quem cuidava do monitoramento do Programa era o Mário Amaral e a diretora do Departamento de Políticas Sociais de Esporte e de Lazer era a Cláudia Bonalume. A vaga que a Rejane me chamou era para trabalhar junto ao departamento da Claudia que tratava da implantação dos núcleos do PELC. Eu assumi um DAS4 (cargo em comissão), de coordenação geral do Programa também, só que a Rejane me confiou dois

temas importantes que era pensar a constituição da parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, contribuir neste processo e junto com ela, com a diretora, claro, mas me chamou para este tema e dar conta das relações políticas que eram as emendas parlamentares, o grande viés de investimento da Secretaria, porque na época a Secretaria tinha nove milhões de orçamento, enquanto de emenda tinha investimento de quase cinquenta. Então estas relações eram muito importantes e que precisavam seguir sendo feitas. É interessante hoje pensar que a relação da continuidade deste trabalho se dá muito entre mim e o Hélder³³ que é o coordenador da equipe gestora da UFMG e eu hoje coordenadora do Programa no Ministério. Nós começamos todo um processo de fazer seleção dos formadores, edital, seleção dos formadores, um primeiro projeto em parceria que tinha como frente, temática, o sistema de formação do Programa Esporte e Lazer da Cidade, desenvolvido pela UFMG em parceria com o Ministério e dentre as demandas tinha a seleção dos formadores que nós fizemos. Participei de todas elas junto com a equipe da UFMG, e todo o processo de organização dos encontros nacionais de formação de formadores, enfim, aí eu comecei a fazer parte de todo este processo. Foi um ano riquíssimo participar das reuniões como coordenadora em geral participava das reuniões de direção e de Secretaria Nacional com direções e coordenadores gerais e a gente efetuava os planejamentos estratégicos e depois tinha a tarefa de desdobrá-los. E foi o momento mais bacana que eu vivi porque eu via naquela equipe composta ali por Rejane, por Leila, por Cláudia, por Maria Eleonor, a Léo, que hoje é nossa articuladora regional, uma equipe muito comprometida muito preocupada com os rumos do Programa, que lutava, a exemplo da primeira gestão do Lino, que lutava enormemente para ampliar o orçamento do Programa, porque sem orçamento não conseguia implantar e desenvolver nacionalmente, que buscava outras parcerias intersetoriais, que no caso era o MEC³⁴ até, foi tentado e traduziu algumas iniciativas como publicações especialmente, mas especialmente o Ministério da Justiça enquanto PRONASCI, em relação dos demais encontros nacionais com o objetivo de garantir a continuidade em meio a um momento político que se vivia, sempre se viveu, de disputa, em que as esferas do alto rendimento, esporte educacional e esporte e lazer viviam e que se traduzia no orçamento e também no próprio reconhecimento em termos de propagação e divulgação dessas ações e desses programas em que o PELC apesar de a gente perceber o extremo reconhecimento que o próprio

³² Luis Roberto Malheiros Araújo

³³ Hélder Ferreira Isayama.

Orlando Silva fazia do PELC e de sua equipe não davam ao Programa o espaço e a dimensão que ele merecia em termos principalmente do orçamento e de visibilidade, então este sempre foi o maior e o mais importante desafio a ser enfrentado. A gente viveu aquele ano, vivi junto ali com todas estas tensões e também momentos alegres, felizes de conquistas do Programa, podendo acompanhar e verificar a forma com que belamente a Claudia coordenava o departamento. Aprendi muito com ela, e como a Rejane que coordenava todas estas relações especialmente políticas, difíceis. Um ano depois, a gente vive o processo de reestruturação do Ministério, foi quando, dos vários momentos, existia um decreto, tinha que ser obedecido. A última conferência já apontava o norte da política nacional de esporte, enquanto a primeira e a segunda discutiam profundamente o sistema sobre uma expectativa e uma abrangência de democratização do acesso e vários outros temas muito debatidos, defendidos por nós e por tantos outros da área no sentido de legitimar o papel do agente social, a Política Nacional de Esporte e de Lazer e não só de esporte e tantos outros temas, enfim... E aí a gente vivia na terceira conferência não o desmonte de tudo isso, mas outras perspectivas que estavam postas ali pela gestão, política do Ministério e do governo federal, que eram os mega eventos e, portanto neste período o decreto e já com a reestruturação do Ministério. Foi quando a Rejane chama a mim e a Claudia, nós as duas e diz: “Eu estou indicando o nome de vocês, e do Mário para continuarem, vocês precisam continuar, mesmo sabendo que a gente vai enfrentar um grande enxugamento de recursos humanos porque num patamar de Secretaria Nacional vocês vão ser, as ações PELC REDE vão ser incorporadas a uma nova secretaria, mas uma nova secretaria onde já existe uma secretaria que é a Secretaria Nacional de Esporte Educacional - SNEED, então ela vai abrigar vocês e vai formatar uma nova secretaria, então nós somos pequenininhos em termos de orçamento, de grupo, de pessoal que vai ficar para seguir defendendo toda esta história e pensar na continuidade.” Tanto eu quanto Cláudia e o Mário começamos a discutir quando chamados esta nova estrutura. A Publics, na época que era a empresa que foi contratada pelo Ministério para pensar esta nova estrutura. Só que claro, a SNEED já tinha uma estrutura tremenda, enorme, gigante com o PST, e nós tínhamos um grupo pequeno porque a maioria já estava saindo, então nós viemos para cá, em um primeiro momento com uma média de 15 a 16 pessoas, de uma secretaria. Tivemos a tarefa de organizar em um departamento onde inicialmente nós ficamos alocados, que era o departamento de gestão, a coordenação do Programa, e a

³⁴ Ministério da Educação.

Cláudia, como eu, com o mesmo DAS4, injustamente porque ela era uma diretora e a gente entende que deveria ter sido mantido. Tentamos manter isto, mas não conseguimos por todo o histórico dela e por toda a competência e capacidade que ela tem até hoje, e o Mário com DAS3. Portanto, com toda a estrutura do Programa ali. Até que passado alguns poucos meses, a Cláudia decide não mais continuar, e claro tem total relação com todas as dificuldades que a gente estava vivendo e com as perspectivas que eram muito distantes de tudo que a gente tinha construído e de todo o processo que tinha que ser refeito sabe lá com que condição futura de vislumbrar um futuro melhor, se do jeito que estava não estava ainda legal imagina do jeito que se tornou. Aí acabamos ficando eu e o Mário, meses depois o Mário é convidado a acompanhar a Cláudia, por convite da Cláudia e acaba ficando só eu. E aí eu tinha o desafio, só que claro, a gente já tinha uma estrutura fruto do trabalho realizado, melhor do nosso termo de parceira com a UFMG que já garantia o desenvolvimento de muitas das ações, mas sempre com um olhar de não entregar a gestão do PELC à UFMG porque sempre tivemos a clareza que isso não cabia, mas de ver na UFMG uma importante parceira e esta relação que a gente tem e eu, particularmente depois sozinha na administração da gestão, tentando construir, e com muita alegria, e com muita reciprocidade especialmente na figura do Hélder, porque a gente se afinou muito, com total clareza de papéis e responsabilidades e com uma vontade tremenda de não deixar tudo isso morrer. E não tenho dúvida da importância desta parceria, mas sempre destacando que os processos das disputas internas eram vividos por nós, então embora hoje as pessoas talvez, muitas vezes não percebam, mas existe sim esta separação do que é gestão do que é o trabalho da parceria da universidade junto à gestão. Existe e ela precisa existir. Isto faz parte, é necessário, embora muitas vezes, as pessoas não enxerguem que são disputas internas, de espaço, de território, necessárias não só à manutenção como a possibilidade de ampliação e qualificação do PELC e também da Rede³⁵. Porque a Rede foi a mais prejudicada neste processo de reestruturação. Quando nós viemos, estava dada como certa a continuidade do PELC, mas da Rede não. Porque tinha este entendimento de que ela tem a sua importância, mas não se estabelecia o lugar dela dentro deste novo universo. E foi cruel demais! Tinha sido realizado um edital, todos os procedimentos foram feitos na gestão da Rejane e da Leila, mas quando da execução tinha orçamento, mas já não tinha mais orçamento, era um problema das universidades em relação ao seu tempo de habilitar para captar o recurso e, portanto, a Rede, os projetos que foram selecionados ou

³⁵ Rede Cedes – Rede dos Centros de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

não era. E aí já virou uma confusão tremenda. O fato é que a Rede ficou em um primeiro momento neste processo na Secretaria Executiva, mas a disputa ficou entre a SNELIS³⁶, mas fica onde na SNELIS? Com que estrutura? Com que recursos humanos? Olha foi muito difícil, muito difícil. Enfim, aí a gente tinha a opção de seguir então cuidando do PELC. E aí eu fiquei com esta tarefa. Eu acho que uma das entrevistas que tem que ser feita, é com a professora Gianna³⁷. Peço a vocês porque a professora Gianna fez parte deste processo, com o total apoio dela no sentido de a humildade dela foi linda: “Eu não conheço com a profundidade que eu deveria o PELC comparado ao PST, Ana, Aninha, mas eu quero ajudar no que for possível para ele continuar e para que ele seja qualificado e ampliado, tenha em mim uma parceira”. E aí, é um processo interessante porque existiam as disputas, mas eu também muito novata, no âmbito do Ministério com esta tarefa de fazer estas relações e claro, muito desprovida de qualquer sentimento, mas com sentimento de defesa do Programa e claro com um histórico todo da primeira turma que passou pelo Ministério, que construiu todo este processo, da segunda da qual eu fiz parte, mas sempre tentando ter um olhar muito ampliado do todo, de não desmerecer, desprestigiar e de acreditar que este novo momento, não que pudesse ser melhor, porque isto estava muito distante, não saberia dizer isto, as probabilidades apontavam até que não, mas de acreditar que eu poderia fazer algum bom trabalho com as duas pessoas que estavam comigo já na coordenação geral de estudos e pesquisas de esporte e lazer junto ao outro departamento que portanto era já o da Gianna que era o departamento que tratava da formulação, implantação, desenvolvimento, monitoramento e avaliação do PELC e tendo neste outro departamento que anteriormente registrava que era de gestão duas coordenações que deveriam se relacionar comigo ali, com minha equipe, de três pessoas, eu e mais duas pessoas a coordenação geral de formalização e a coordenação geral de acompanhamento e monitoramento técnico das quais as relações com os novos coordenadores foram feitas com muita tranquilidade, mas a necessidade de chamá-los e provocá-los assim como suas equipes que não tinham vínculo com o PELC, de entender o que era o PELC e como a gente esperava que ele fosse tratado, implantado e desenvolvido, então uma nova luta que se iniciava, mas em uma outra condição. E conseguimos, felizmente, ampliar a equipe para ter as condições de corresponder às responsabilidades das quais ela tinha neste novo desenho.

³⁶ Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer Inclusão Social.

³⁷ Gianna Lepre Perim.

C.M – Ana queria que você falasse como foi este contato e a consolidação desta parceria com a UFMG.

A.S. – Em 2010, foi o primeiro projeto, quando eu cheguei já tinha um desenho e o que nós íamos começar na verdade era operacionalizar, fazer acontecer este primeiro desenho. Particpei de todo o processo. Inicialmente a gente contava somente com nossos parceiros, localmente no projeto com o desenvolvimento dos módulos de formação do PELC que eram: introdutório, módulo de avaliação, um e dois. Antes tinha outro desenho, mas com um novo desenho, toda esta equipe selecionada com nosso acompanhamento, e toda a logística prevista para o desenvolvimento das atividades destes formadores junto aos nossos parceiros realizada pela a UFMG, com todo o nosso acompanhamento. Este projeto inicialmente teve este desenho e a partir de 2012 quando eu já estava na coordenação da CEGEPEL – Coordenação Geral de Estudos e Pesquisa de Esporte e Lazer - discutindo com a professora Gianna a necessidade de ampliar as ações deste termo de parceria e nós fomos incorporando outras ações. Não vou dizer que a gente não conseguiria dar conta, mas que tinha total relação com a proposta da Universidade enquanto também responsável pelo aperfeiçoamento, pela qualificação das políticas públicas e com todo este *know how* da UFMG especialmente, com as discussões do lazer que foi o que habilitou ela e seus integrantes a fazer parte desta proposta, receber o nosso convite para estar a frente desta parceria e no desenvolvimento destas ações no processo de formação. Então, em 2012, a gente começa o planejamento, mas tem todos os termos vocês vão ter acesso, vão ter com maior detalhe estas datas todas, os períodos todos, mas a gente parte para um segundo planejamento que seria o aditivo do primeiro projeto de parceria e se consegue do segundo, do terceiro, do quarto, implementar novas ações que hoje, se a gente for ver este histórico, não se resume só no desenvolvimento da formação presencial, a gente garante a formação presencial a cada novo termo aditivo a depender do quantitativo de parcerias vigentes que a gente tem, então esta relação o tempo inteiro sendo feita entre o CEGEPEL e UFMG, todo o planejamento e toda a execução nesta relação sendo feita de forma compartilhada no que tange esta parceria, e hoje a gente tem: a formação, as discussões sobre monitoramento e avaliação com uma consultoria específica. Eu iniciei em 2012 e é importante dizer, antes de falar até da UFMG. Com esta abertura conquistada e deliberada por Gianna, eu tinha em mente alguns desafios que eu achava importante colocar na mesa e discutir e buscar

implementar. Uma delas era a revisão dos objetivos do PELC, geral e específicos. Outra delas era pensar o modelo de acompanhamento e monitoramento de avaliação do PELC com vistas a pensar um sistema de informação que abrigasse indicadores para além do único que a gente tinha, que era a meta de beneficiados, que para mim e para todos que participaram da gestão já eram sabedores que eram insuficientes... Então... Revisão de objetivos, o pensar do sistema de monitoramento e avaliação, a construção de um sistema de monitoramento e avaliação tendo como base os indicadores, planejamento este que eu comecei a fazer internamente e aí com a proposição de colocar e colocamos nosso tear a seleção de cinco consultores na época, consultores regionais vinculadas todas as suas atividades aqui a esta coordenação, onde nós começamos a desenhar um primeiro sistema de acompanhamento e monitoramento de avaliação do PELC, na sequência a necessidade de qualificar este trabalho contratando uma consultoria específica que é feita pela Márcia Soares, também importante conversar com ela, e que ela vem com o objetivo de qualificar a proposta nossa inicial e portanto, realizar uma serie de atividades dentre elas oficinas reunindo diferentes atores e convidados do PELC para pensar na qualificação. E aí revendo instrumentos com base nestes indicadores que começam a ser discutidos e a relação com o sistema de informação, que está em curso que é chamado de Sistema Mimboé. Eu fiz na equipe da CEGPEL na época um levantamento de como seria o nome porque todo mundo falava: “Sistema de Monitoramento e Avaliação disso”... “Sistema de Monitoramento”... Gente, vamos tentar descaracterizar um pouco isto tornar um pouquinho mais... E sempre esteve presente nas discussões do PELC as questões indígenas... E aí, numa discussão, venceu a ideia proposta por integrantes da equipe, depois de muito debate, de chamar de Mimboé que no Tupy Guarani significa “o ensinado”. Então, além de tudo isto que eu já falei, sistema de monitoramento e avaliação, a discussão sobre o Vida Saudável no contexto do PELC, que eu já defendia que ele deveria ser tratado como um programa até porque desde que eu cheguei no Ministério me foram confiadas as discussões no âmbito do conselho nacional de igualdade racial e no conselho. Na sequência, inicialmente foi a Claudia depois fui eu quando assumi a coordenação do Programa, dos direitos da pessoa idosa. E mais que participar destas reuniões a gente buscava, eu particularmente sempre busquei, tentar tornar algo visível à política e apresentando o PELC e o Vida Saudável, identificando-os como potencial. Fiz a defesa internamente já no planejamento do Plano Plurianual - PPA, das novas metas para o termo de parceria com a UFMG, o montante de valor da UFMG que vai abrigar tal ação e no montante do recurso do Ministério que vai

garantir novos editais públicos, qual é o desenho da diretriz do PELC que a gente quer? Portanto, fiz a proposta de ter no PELC os dois tipos de núcleos, urbano e um voltado para povos e comunidades tradicionais que abrigaria ribeirinhos, quilombolas, indígenas por todo nosso histórico com estas discussões e todas estas relações que eu vinha fazendo externamente. E defendendo inclusive este apoio, defendendo estas ideias internamente no âmbito da gestão da Secretaria que foi recebida com muita alegria. Assim, com o desvincular do Vida Saudável enquanto núcleo e o entendimento de que ele deveria se tornar um programa social, com orçamento, com diretrizes próprias, com metodologia de trabalho, seguindo o mesmo desenho político pedagógico do PELC, mas encarando nós enquanto gestores e traduzindo isto nas diretrizes, o Vida Saudável como um programa voltado para a pessoa idosa. Porque, até então, ele era um tipo de núcleo do PELC a partir de 45 anos, então não era para a pessoa idosa, até porque nesta oportunidade se pensava que os idosos precisavam de seus acompanhantes, muitas vezes eles não iam para o núcleo do PELC porque os seus familiares não iam. Não era restringida a participação, mas era considerada esta discussão na relação com os 45 anos, a partir dos 45 anos, preferencialmente idosos. Eu tomo esta discussão e começa também o processo de construir o Vida Saudável enquanto programa a partir da definição de um Grupo de Trabalho aqui na instância do Ministério propiciado pelas condições previstas inclusive minimamente no tear da UFMG que dava condição à gestão de desenvolver este trabalho também. A gente construiu uma série de agendas de trabalho para pensar a diretriz do Vida Saudável, assim como internamente discutir as diretrizes do PELC sob esta nova perspectiva. E então 2012, 2013 foram marcados por todas estas qualificações e principalmente pela ampliação do orçamento porque na época o chefe de gabinete, inclusive é interessante conversar com ele, Fernando Máximo, foi um dos gestores do PCdoB³⁸ dentro da instância da SNE LIS que fazia parte da SNED, que recepcionou muito bem o PELC e que sempre quando conversando com ele, explicando, mostrando, discutindo, debatendo, ele tinha a clareza que os programas precisavam ter o mesmo direito ao orçamento e portanto as condições de desenvolvimento enquanto política. Então assim, como Gianna enquanto diretora, o Fernando também foi um importante apoiador. E, ao longo deste tempo, a gente conseguiu ampliar, hoje o orçamento do Programa chega próximo a 45 milhões. Ainda é pouco? Ainda é pouco. Ao longo deste tempo, a gente conseguiu desenvolver um novo chamamento público, dois novos chamamentos públicos,

³⁸ Partido Comunista do Brasil.

2012 e depois 2013 e temos hoje um número considerável de parcerias comparado à época da SNDEL, mas por quê? Porque houve o aumento do investimento e ao contrário, talvez por uma falha na metodologia da organização dos trabalhos da secretaria, as emendas passaram a não ser o grande fundo, véis de investimento no PELC.

C.M. – Ana para finalizar, eu queria que você falasse de como você vê a relação do programa com as comunidades atendidas. Sei que é um universo muito grande, mas o que você pode perceber desta relação com a comunidade?

A.S. – São muitos olhares. Tem o olhar da Ana gestora que implantou o Programa e viu a capacidade deste Programa se concretizar, sob muitos aspectos, talvez não todos, mas sob muitos, felizmente. E a relação é lindíssima, ela é lindíssima, quando de fato as diretrizes se traduzem na prática, a gente vê a população se apoderando de um direito, que na constituição é de se estar previsto, não da forma que se deveria comparado a outros direitos, a partir do apontamento da sua forma, de seus princípios, das suas diretrizes, como deveria o lazer, já o esporte em uma dimensão da estrutura esportiva que, portanto, fica aquém da nossa discussão aqui e, portanto, do Programa também, mas que se dá, que se realiza e que se efetiva quando portanto, de novo volto a falar nesta relação da tradução das diretrizes na prática com muito envolvimento, a população quando ela é tocada pelo PELC. Ela se sente pertencente deste Programa e responsável por ele, esse que é o mais bonito, eu sinto que é o mais bonito. Eu participei de diferentes momentos como gestora do Programa localmente. De eles estarem nos demandando, de eles estarem dizendo que isto não era legal, que aquilo era o melhor, que eles desejavam fazer tal atividade, ou tal evento, ou tal viagem. A gente começou com o PELC de Bagé a fazer relações com outras cidades da região, então superou aquela expectativa local e de suscitar discussões nas universidades, de Pelotas especialmente, de realizarem seminários e nos chamarem para falar sobre o Programa e a proporção que ele tomou a partir do olhar dos participantes e o que isso significaria não só para Bagé, mas como para a região. Então, assim, ultrapassou fronteiras, e isto é legal perceber, mas não foi só porque teve uma gestão preocupada, comprometida, enfim, esforçada por fazer este projeto político/pedagógico na prática acontecer. Foi porque os participantes tomaram para si esta responsabilidade, sabe? Então é muito bonito de perceber essa história e o Programa acontecendo como entendo que deva acontecer. Se não for assim o PELC ele vai ser mais um programa que tem uma tarefa, mas que vai ser

realizado de forma muito superficial, muito pontual e que dificilmente vai deixar algum legado, vai passar vai deixar o seu legado. Vai desenvolver a sua atividade, a sua tarefa e vai embora. E o que a gente vem tentando construir é muito mais que isto, é passar, é provocar a discussão sobre temas importantes da constituição do esporte enquanto direito e principalmente de forma prática, em termos o que existe aqui de estrutura? O que não existe? Como a gente pode fazer este processo acontecer? O PELC suscita isto, ele provoca isto, que é o legal, porque se existe uma equipe comprometida que conseqüentemente provoca a população a participar deste processo todos se tornam responsáveis pelo processo. E assim o Programa tem a dimensão de fato do que ele foi pensado a ter e acontece do jeito que deveria acontecer.

C.M. – Ana, gostarias de registrar mais alguma coisa?

A.S. – Enquanto coordenadora do Programa, sob o olhar dos participantes, eu sempre tenho o cuidado de estar muito presente na ponta, sempre que dá. Então para além de garantir as agendas nossas que discutem os diversos temas, a gente conseguiu garantir um sistema de formação extremamente qualificado nesta parceria com a UFMG, tanto presencial quanto a distância, algo que a gente queria muito para o PELC. Nós não tínhamos e hoje a gente conta e está em um crescente e vai atender não só gestores e agentes vinculados ao Programa como também não vinculados, nosso olhar é de ampliação. Hoje a gente está conseguindo garantir, inclusive em breve a gente vai ver os frutos de materiais didáticos do Programa como revistas, a própria produção desse material que está na instância da EAD³⁹, que vai ser publicado, acessível a muitos, que também é um legado. O Centro de Memória⁴⁰, uma grande conquista que está neste último tear e que vem garantir a memória de toda esta história, de todo este processo e que quando consultado certamente vai iluminar muitas mentes, muitos gestores e muitos pesquisadores, este é o nosso desejo. Com certeza já é pelo trabalho que desenvolve em outras frentes, certamente com o PELC vai ser também, até porque a história é riquíssima, não tem como ser diferente com a equipe que vocês têm lá, com certeza vai ser. Pensando outras perspectivas daqui para frente os registros que a gente considera fundamental nesta relação que tentamos fazer, embora pensando a rede numa estrutura maior, no âmbito da secretaria

³⁹ Educação a Distância.

⁴⁰ Centro de Memória do Esporte.

não só vinculado ao PELC, tem a relação com o PELC, tem a relação com as outras coordenações, portanto com os outros programas. Então a gente segue contribuindo com o olhar... A Rede inclusive está na coordenação, está na CEGEPEL, mas muito mais vinculada à direção e a gente segue contribuindo junto com os outros coordenadores no desenvolvimento da Rede CEDES e agora já sob a perspectiva de implantação de núcleos de ciência e tecnologia. Graças a Deus, uma superação também não só pelo esforço interno do Ministério, mas principalmente pelos pesquisadores que não deixaram a Rede morrer. O mérito é todo deles sem dúvida alguma. Então eu acho que a gente tem um caminho bonito aí pela frente de continuidade do Programa, mas baseado e alicerçado na qualificação do que lá inicialmente foi pensado. E é por isso que tudo se justifica e eu tenho o maior orgulho desta história, desta trajetória. Eu tive particularmente diferentes momentos em que quis desistir: “Não tem condição, eu não vou conseguir dar conta, é desumano, é injusto, sabe?” É a forma com que era e como ficou, mas hoje podendo olhar tudo isto e ver que... Graças, claro, muito com esta parceria que se construiu com a UFMG sempre tentando fazer este destaque das responsabilidades que é da gestão do PELC, de todas as ações e poder ver tudo isto que a gente vem construindo para deixar é maravilhoso. Se hoje eu tivesse que dizer “deu”. Eu diria: “Cumprir minha missão” [choro]. Obrigada. Desculpa.

C.M. – Agradecemos realmente, uma história belíssima e queria agradecer muito o seu tempo.

A.S. – Obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]